

Volume 18: Número especial – 2002
POLISSEMIA E INDETERMINAÇÃO SEMÂNTICA*

(Polysemy and Semantic Indeterminacy)

APRESENTAÇÃO

Heronides Maurílio de MELO MOURA
(Universidade Federal de Santa Catarina – CNPq)

O problema da representação lexical tem se mostrado muito produtivo nas pesquisas atuais sobre a significação lingüística. Depois de um longo período em que o léxico foi considerado assistemático e idiossincrático, a busca por regularidades e por relações semânticas sistemáticas no campo lexical passou a caracterizar as pesquisas nessa área. Diferentes representações lexicais têm sido propostas (Pustejovsky, 1995; Wierzbicka, 1996; Jackendoff, 1997).

Um promissor campo de investigação foi aberto na medida em que o léxico, ao invés de ser representado como uma estrutura fixa e estável, passou a ser analisado em sua relação composicional no corpo da sentença e mesmo do texto. Representações mais flexíveis (e mais ricas) foram propostas para dar conta da imensa produtividade e variação dos sentidos lexicais em contexto. Fenômenos bastante tradicionais em semântica, como polissemia, ambigüidade e indeterminação voltaram à cena nessa tentativa de explicitar a riqueza do funcionamento do léxico e sua interação com outros componentes da gramática.

* Os trabalhos publicados neste número foram todos apresentados na *Conference on Polysemy and Indeterminacy*, realizada em Florianópolis, em agosto de 2001, numa promoção conjunta dos programas de pós-graduação em Lingüística e em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina. Esse evento reuniu um conjunto de pesquisadores brasileiros e estrangeiros em torno de uma discussão aprofundada sobre o desenvolvimento recente das pesquisas sobre o léxico, em seus vários aspectos. Além dos artigos que compõem o presente número, uma seleção dos trabalhos apresentados no evento será publicada também em dois outros periódicos: *Révue de sémantique et pragmatique* e *Fórum Lingüístico*.

Gostaria de agradecer aos colegas que participaram da organização da *Conference on polysemy and indeterminacy* e a todos aqueles que ali estiveram presentes. Que esse número reflita um pouco o clima amistoso e produtivo que desfrutamos no decorrer do evento.

Pode-se dizer, de um modo geral, (e os artigos aqui reunidos atestam isso) que dois princípios norteiam as pesquisas atuais nessa área, apesar da enorme discrepância entre os modelos propostos. De um lado, pretende-se evitar o monomorfismo da relação entre item lexical e sentido, prevendo-se sempre, na representação semântica, um espaço para a variação dos sentidos lexicais em contexto; de outro, pretende-se evitar a idéia de que o sentido das palavras seja produzido inteiramente no contexto, a partir de inferências pragmáticas ou textuais. Alguma interação entre conteúdo lexical e contexto deve sempre ser procurada.

No entanto, o modo de atingir essas metas varia bastante, e essa coletânea dá uma idéia disto. O artigo de Andreína Adelstein e Maria Teresa Cabré, por exemplo, propõe um processo de ativação, através do qual os elementos semânticos correspondentes a um determinado uso de um item lexical são ativados em contextos específicos. Esse artigo visa especificamente mostrar que os estudos terminológicos teriam muito a ganhar se a definição dos termos (que correspondem a sentidos especializados e que normalmente são tratados como inteiramente distintos das palavras de uso comum) fosse feita no quadro de uma teoria lexical abrangente, que desse conta de termos e palavras, conjuntamente. As autoras propõem que os sentidos especializados e não-especializados são ativações distintas da mesma informação semântica lexical. Elas ilustram esse ponto com uma análise detalhada dos sentidos da palavra *cabeza* (cabeça, em espanhol), entre os quais se inserem os sentidos especializados.

A hipótese adotada é que a informação semântica consiste em um certo número de predicados e argumentos semânticos, cujas diferentes combinações produzem os diferentes sentidos em contexto. Essa hipótese explica a polissemia lexical a partir da focalização (ou ativação, como dizem as autoras) de elementos semânticos que fazem parte do conteúdo lexical, no molde do que é proposto por Pustejovsky, 1995. Esse tipo de solução para a polissemia (com a proposta de uma representação lexical multifacetada e subespecificada) se opõe a outras soluções, que analisam a variação polissêmica a partir de sentidos básicos (cf. Cadiot, neste número; Victorri & Fuchs, 1996; Moura, 2001).

Uma proposta que visa também explicitar o polimorfismo do léxico, mas que segue na verdade um caminho bastante diferente, é apresentada por Dietmar Zaefferer, neste número. Esse autor estabelece uma diferença

entre polissemia e polivalência. A polissemia seria de natureza estritamente lexical, ao passo que a polivalência seria semântica e gramatical. Na verdade, polissemia e polivalência se interrelacionam, pois os diferentes sentidos polissêmicos tendem a ser acionados por diferentes padrões de valência (polivalência), ou seja, itens polissêmicos tendem a apresentar distribuições gramaticais distintas (mas nem sempre). A idéia é que o sentido de um item lexical determina em parte as suas propriedades sintáticas (cf. Levin & Hovav, 1991).

É neste ponto que a proposta de Zaefferer se aproxima daquela formulada por Adelstein e Cabré: os sentidos em contexto nascem da recombinação de argumentos e de predicados contidos na representação subjacente do item lexical. A diferença é que Zaefferer enfatiza mais fortemente o papel da valência na variação de sentidos no contexto, e em especial a relação (nem sempre uniforme) entre argumentos semânticos e argumentos sintáticos. Essa relação entre argumentos semânticos e argumentos sintáticos não é uniforme em basicamente dois casos: falhas de sobrecodificação (*overcoding mismatches*) e falhas de subcodificação (*undercoding mismatches*). A sobrecodificação ocorre quando ao menos um argumento sintático associado a uma unidade lexical não corresponde a nenhum argumento semântico dessa unidade lexical; é o caso dos expletivos (como o pronome *it* em *It rains*, no inglês). A subcodificação ocorre quando ao menos um dos argumentos semânticos associados a um item lexical não é representado como argumento sintático, como ocorre em *Ele tem bebido*, em que o objeto semântico do verbo *beber* não tem realização sintática (esse tipo de argumento corresponde ao que Pustejovsky (1995) denomina *argumento default*).

A partir dos diferentes padrões de valência associados aos itens lexicais correspondentes ao conceito de RAIN (chuva, chover) em quatro diferentes línguas (inglês, alemão, italiano e espanhol), o autor estabelece um criterioso quadro das variações dos sentidos em contexto dos respectivos itens lexicais nessas quatro línguas. Na montagem desse quadro, ele leva também em conta as falhas de ligação (*linking mismatches*), por sobrecodificação ou subcodificação, que ocorrem segundo padrões distintos nas quatro línguas. A idéia então é que a variação de sentidos lexicais no contexto é provocada por diferentes padrões de valência e por diferentes padrões de falhas de ligação.

Mas o que essa abordagem tem de específico é que ela pretende dar conta da polissemia (uma questão semasiológica) a partir de uma perspectiva onomasiológica, ou seja, conceptual. Segundo o autor, há, subjacente aos diferentes usos dos respectivos itens lexicais nas diferentes línguas, um mesmo conceito de RAIN, o qual reflete uma estrutura ontológica e conceptual específica. Em função dessa estrutura conceptual, por exemplo, a entidade (as gotas que formam a chuva) e o evento (a chuva como movimento) estão intrinsecamente ligados, o que gera a polissemia dos itens lexicais associados ao conceito de RAIN e explica por que, nas diferentes línguas, o verbo equivalente a *chover* não projeta um argumento, a não ser nos casos de objetos cognatos, como em *Está chovendo uma chuva miúda*. A abordagem do autor é assim simultaneamente estrutural e conceptual.

A natureza conceptual da estruturação semântica do léxico é também ressaltada no artigo de Leonor Scliar. No debate clássico entre realismo e conceptualismo em semântica, a autora se posiciona a favor do último, mas ressalta que a pesquisa sobre a significação lingüística teria muito a ganhar se fosse dada mais atenção à realidade psicológica dos conceitos e sua estruturação na memória semântica. A idéia é que o processo de referência, de base conceptual, se estrutura de acordo com padrões identificáveis na memória semântica. Segundo a autora, os superordenados, por exemplo, indicam uma organização da memória semântica com base em hierarquias conceptuais que se aplicam a entidades com alguma realidade psicológica. Mas se a semântica teria a ganhar ao investigar a realidade psicológica da estrutura lexical, afirma a autora que também a psicolingüística precisa aprofundar a sua concepção da significação lingüística. De fato, sem esse aprofundamento teórico, corre-se o risco de trocar a ontologia realista *naïve* por uma ontologia psicológica *naïve*.

A autora cita Monteiro (2001) para mostrar que a estruturação do léxico depende da forma como se organiza a memória semântica, e que fatores identificáveis podem afetar e reorganizar a memória semântica. De acordo com o estudo citado, testes psicolingüísticos indicaram que o nível de letramento e de escolaridade dos falantes pode afetar o tipo de estratégia preferencial que eles usam para evocar a significação de um item lexical: quanto mais escolarizados, mais os sujeitos tenderam a utilizar uma estrutura taxonômica de representação do léxico, ao passo que os menos escolarizados tenderam a utilizar estratégias de representação de eventos para a evocação dos significados lexicais.

Assim como no artigo de Dietmar Zaefferer, a estrutura conceptual dos sentidos lexicais assegura a possibilidade de intercomunicação, não obstante a enorme variação dos sentidos lexicais em contexto. Mas, ao contrário da proposta de Zaefferer, que enfatiza os diferentes padrões de valência nos casos de polissemia e polivalência, Leonor Scliar observa que “a recuperação da referência e a identificação do referente de uma expressão também envolvem processos anafóricos a nível micro e macro estrutural dos textos coesivamente construídos, além da utilização de recursos extralingüísticos, tais como o contexto situacional e o conhecimento cultural e compartilhado e pistas pragmáticas”. A autora propõe então que a referência é de base conceptual, mas só pode ser identificada, em última instância, a partir de estratégias pragmáticas e discursivas.

A proposta defendida no artigo de François Nemo tenta mesclar conteúdo lexical e informação discursiva na representação teórica de como os itens lexicais ganham sentido nos diferentes contextos. Ele defende uma semântica instrucional não-referencialista, de acordo com a qual o conteúdo semântico de um item lexical corresponderia a instruções sobre como usar e interpretar as palavras nos diferentes contextos. Nessa proposta, o conteúdo lexical conteria dois elementos: (a) uma indicação semântica, de natureza proposicional, na forma ‘Existem os tipos X e Y’ e (b) uma instrução indexical (instrução do tipo: procure no contexto o que pode unificar os tipos X e Y). A instrução semântica seria codificada na unidade lexical, ao passo que a instrução indexical não seria codificada.

Essa proposta estipula uma representação lexical suficientemente abstrata para dar conta da enorme variação de sentidos em contexto, a partir de um sentido de base, que corresponderia ao que o autor denomina indicação semântica. A interpretação específica dos diferentes sentidos, calculado a partir do sentido de base de um item lexical, seria indexical, ou seja, dependeria inteiramente do contexto discursivo. Essa abordagem elimina, segundo o autor, a oposição entre sentidos procedurais e sentidos referenciais associados aos itens lexicais. Como se sabe, os sentidos procedurais são aqueles que fornecem instruções meramente discursivas sobre o uso das palavras, por exemplo, o sentido associado à conjunção *mas*, que gera as chamadas implicaturas convencionais. Conectivos discursivos como *mas* apresentariam sentidos procedurais e não sentidos referenciais. Nemo defende, ao contrário, que as indicações semânticas dão conta tanto dos sentidos procedurais como dos sentidos referenciais associados a um item lexical.

Ele apresenta uma descrição detalhada dos diferentes sentidos associados ao item lexical inglês *but*, e sustenta que a mesma análise pode ser feita do equivalente francês *mais*. A indicação semântica que ele propõe para essa palavra é extremamente abstrata: a presença de *but* indica a existência de um fator de interrupção (*stopping factor*). A partir dessa indicação semântica, os falantes devem procurar a acepção específica em cada contexto.

Esse tipo de abordagem é muito promissora no sentido de estabelecer um elo entre significação lexical e contexto, mas a dificuldade a ser enfrentada é mostrar como se processa a referência ou o cálculo do sentido com base em indicações não-referenciais muito abstratas como essa proposta para o item lexical *but*. Como observa Kleiber (1999:46), se é possível derivar de diferentes sentidos contextuais um sentido não-referencial abstrato, é muito difícil realizar o processo inverso, ou seja, derivar do sentido abstrato não-referencial os sentidos contextuais referenciais e com valor de verdade.

A relação entre situação de uso e sentido lexical é abordada também no artigo de Rodolfo Ilari, neste número. Ele retoma o conceito de derivação delocutiva para mostrar que a influência da situação de enunciação na evolução do sentido lexical é talvez maior do que os lingüistas normalmente aceitam. Como se sabe, Benveniste propôs a derivação do verbo *salutare* a partir do nome *salus*, que significa *saúde*. Assim, à primeira vista, *salutare* significaria algo como *tornar + são*, mas o sentido efetivo de *salutare* é o de saudar. A explicação proposta por Benveniste é que tenha havido, nessa derivação, um ‘desvio’ pela enunciação, retomando em *salus* não o sentido de *saúde*, mas o ato de saudação normalmente realizado por meio da palavra *salus*. O mesmo processo ocorreria no português *parabenizar*, que retoma a fórmula de felicitação realizada por *(meus) parabéns*. Como a expressão original *para bem* passou a significar congratulações, um reconhecimento pelo sucesso do interlocutor? Segundo o autor, isso ocorre porque *parabenizar* guarda do nome *parabéns* não o seu sentido literal, mas o ato enunciativo que essa palavra realizava tipicamente: um reconhecimento dos méritos do interlocutor na forma indireta de augurar seu bem.

O autor mostra que a derivação delocutiva, no português contemporâneo, é produtiva e gera principalmente nomes delocutivos, ao contrário da hipótese de Benveniste, que previa a aplicação desse processo a verbos.

Ilari dá vários exemplos de formação de nomes delocutivos, por exemplo em *O cachorro deu um olé no professor*, em que a exclamação *olé* passa a funcionar como um substantivo contável. A origem desse *olé* nominal pode ser rastreada sem dificuldade: trata-se da evocação da situação enunciativa em que a torcida grita *olé* num estádio de futebol.

O ponto teórico abordado pelo autor é que derivações desse tipo, em que o sentido da palavra derivada advém, inesperadamente, não do sentido literal da palavra de origem, mas da enunciação tipicamente associada a ela, põem em cheque a idéia de regularidade que os lingüistas procuram na língua e no léxico. Tudo se passa como se a polissemia de *olé* (nome e exclamação) não pudesse ser prevista *a priori*, mas apenas identificada *a posteriori*. De fato, a polissemia tem muitas vezes um caráter imprevisível e irregular, e a derivação delocutiva nos faz lembrar esse fato.

Uma outra maneira de encarar o problema da representação lexical é oferecida pelo projeto WordNet, apresentado no artigo de Palmira Marrafa, neste número.

Uma wordnet é uma rede semântica, na qual as unidades básicas são conceitos, representados por conjuntos de sinônimos (denominados *synsets*). Os diferentes projetos wordnets, como o WordNet.PT (WordNet do português europeu), são estruturados, em termos gerais, no formato do Princeton WordNet.

No caso específico do Projeto WordNet.PT, coordenado por Palmira Marrafa, o objetivo é a construção de uma WordNet do Português (nesta fase, com mais de 10.000 unidades do português europeu), no quadro da EuroWordNet, uma base de dados multilingüe que integra wordnets de várias línguas européias, relacionadas entre si por um Inter-Lingual-Index. Vale notar que o CNPq recentemente aprovou o projeto Wordnet-Brasil, coordenado por Bento Dias da Silva (UNESP-Araraquara).

Na rede WordNet, o sentido de um item lexical não é definido em termos de paráfrases, como ocorre com os dicionários convencionais, em que as definições são estabelecidas, de acordo com a análise aristotélica, a partir do *genus* e da *differentia* (cf. Landau, 2001:153). Por exemplo, a definição de *criança* no Dicionário Houaiss é “ser humano (*genus*) que se encontra na fase da infância (*differentia*)”. No Wordnet, por outro lado, o sentido de um item lexical deriva da relação que ele estabelece com outros mem-

bro do *synset* e das relações lexicais e semânticas com outros *synsets*. As relações semânticas que organizam os *synsets* são as de sinonímia, hiperonímia, meronímia e funcional. A rede WordNet é de base onomasiológica, de modo que as unidades básicas, como vimos, são conceitos, que podem ser lexicalizados por uma ou mais palavras. Trata-se assim de um modelo lexical de natureza conceptual e relacional, apto a representar o polimorfismo do léxico (observe-se que as diferentes relações que estruturam os *synsets* correspondem aproximadamente aos diferentes papéis *qualia* da teoria do léxico gerativo de Pustejovsky, os quais pretendem exatamente dar conta do polimorfismo do léxico).

REFERÊNCIAS

- JACKENDOFF, R. 1997. *The architecture of the language faculty*. Cambridge: MIT Press.
- KLEIBER, G. 1999. *Problèmes de sémantique. La polysémie en questions*. Villeneuve d'Ascq, Presses universitaires du Septentrion.
- LANDAU, Sidney 2001. *Dictionaries. The art and craft of lexicography*. Cambridge: Cambridge Press.
- LEVIN, Beth & RAPPAPORT, M. Hovav. 1991. Wiping the state clean: a lexical semantic exploration. *Cognition*:41, 123-151.
- MONTEIRO, Rosemeire 2001. *A estruturação da memória semântica: os desafios do letramento/escolarização*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MOURA, H. 2001. Dénotation et argumentation dans le discours. *Langages*, 142: 77-91.
- PUSTEJOVSKY, J. 1995. *The Generative lexicon*. Cambridge: MIT Press.
- VICTORRI, Bernard; FUCHS, Catherine 1996. *La polysémie: construction dynamique du sens*. Paris: Hermès.
- WIERZBICKA, A. 1996. *Semantics. Primes and Universals*. Oxford: Oxford University Press.